

# Gestin

Ano II - Nº 2 - Dezembro de 2003

Instituto Politécnico de Castelo Branco



Escola Superior de Gestão

ISSN nº 1645-2534

## A MUDANÇA CULTURAL A QUE CHAMAMOS PÓS-MODERNIDADE VALORES EM CRISE vs NOVOS VALORES\*

Ana Paula Castela\*\*

---

### RESUMO

A pós-modernidade tem sido considerada, desde sempre, um conceito polémico, estudado por muitos cientistas sociais que se debruçaram sobre esta nova realidade, ou seja, esta mudança cultural que ocorreu nas últimas décadas, um pouco por toda a parte, mas mais especialmente no que se poderá considerar os países desenvolvidos.

Pretende-se, assim, com este artigo, analisar não só as interpretações do conceito através de três sociólogos de três países com níveis de crescimento económico e educativo diferentes, como ainda, e porque esta mudança cultural, que identificamos com a pós-modernidade, é muito vasta e afecta todo o nosso quotidiano, a forma como ela afectou os jovens em termos de valores e as possíveis implicações, da mesma, no ensino, em geral, e, mais particularmente, no Ensino Superior.

---

### INTRODUÇÃO

Muito se tem dito, nos últimos anos, sobre a ausência de valores e de moral dos jovens, a qualidade cada vez mais fraca dos alunos, a falta de empenho dos mesmos, o cada vez maior individualismo, falando-se mesmo de uma crise de valores.

Por detrás de tudo isto está um termo que primeiro aparece no meio académico, um pouco a medo, mas que rapidamente se estende a todo o lado e a que chamamos a pós-modernidade. Têm sido esta então a palavra chave que serve para tudo.

Para uns, há realmente uma crise de valores, principalmente nos jovens,<sup>1</sup> provocada pela globalização e mundialização, em que se perdeu inteiramente o sentido da vida, o interesse pelo trabalho e pela política, em que o relativismo tem um sentido crucial e o que interessa é o “estar-se bem”.

Para outros houve uma mudança cultural em que os valores são outros e não os mesmos da modernidade. Sustentam que os jovens continuam a ter valores muito próprios já que mais reflexivos mais exigentes, não se contentam com as verdades feitas mas exigem uma explicação para as mesmas e com um grande sentido crítico. Possuem ainda uma maior tolerância e têm um cada vez maior individualismo no sentido de uma maior procura da autonomia individual e do sentido dessa autonomia. Mas afinal que conceito é este tão controverso de que falamos, ou seja, a pós-modernidade?

---

\* Este artigo teve como base uma comunicação apresentada no Congresso *A (R)evolução das ideias e teorias pedagógicas: Desafios para o futuro*, organizado pela Escola Superior de Educação de Castelo Branco e pela Sociedade Portuguesa das Ciências da Educação, em Castelo Branco a 6 e 7 de Fevereiro de 2003

\*\* Docente na Escola Superior de Gestão de Idanha-a-Nova

<sup>1</sup> Como Vicente Jorge Silva referiu em 1994 a já tão célebre “geração rasca”

## QUE É ENTÃO A PÓS-MODERNIDADE?

O termo aparece pela primeira vez, em fins dos anos 50, relacionado com a arquitectura, sendo a crítica literária, uns anos mais tarde, a responsável pela transferência, do que se considerava ser as qualidades pós-modernas, do domínio da arquitectura às artes e à sociologia em geral. É, no entanto, ao entrar na filosofia, em plenos anos 70 que a pós-modernidade cresce alargando-se a todos os domínios da nossa vida, da moda ao cinema, e à música passando pelas novas tecnologias e inevitavelmente pela educação.

Hoje, o conceito invade o nosso quotidiano, e se a máquina a vapor esteve na origem do que hoje chamamos modernidade, não há dúvida de que não estamos porventura errados se considerarmos o aparecimento do chip como o responsável por toda esta mudança cultural e consequentemente pela pós-modernidade.

Conceito polémico a pós-modernidade tem sido considerada tanto uma época histórica de transição, como uma atitude, uma filosofia, um estilo de vida ou ainda uma mudança na maneira de ver o mundo.

Termo que consideramos que só se pode definir em relação à modernidade até porque o seu “pós” indica claramente uma despedida da mesma, com tudo o que teve de bom e de perverso, é ainda um conceito que se pode considerar polissémico já que possui vários significados.

Pode ser também considerado paradoxal já que, como já referimos, se é, para alguns autores o triunfo do individualismo, da reflexividade, da liberdade e da tolerância, no que isso tem de positivo, é, para outros, o fim da história, o triunfo do *niilismo* e o consequente viver do tempo presente, do prazer sem consequências, do regresso a uma ética hedonista.

Para uns resulta de um crescimento económico acelerado após a 2ª Guerra Mundial, aliado ao aparecimento, um pouco por todo o lado, dos Estados Previdência, que asseguraram a sobrevivência e reforçaram o sentimento de segurança. Para outros, tem a ver não só com o crescimento mas também com o consequente aumento dos níveis educativos. Finalmente há ainda quem considere que é, e tão só, o resultado da mundialização/globalização.

Mas seja qual for a sua causa a pós modernidade não aparece ao mesmo tempo nem da mesma maneira em todos os países. Boudon quando refere a mudança que se observa num grande número de países, em termos de valores, diz também que “*Algumas evoluções vão no mesmo sentido num conjunto de países, mas respeitando o ritmo, as características e finalmente a história de cada um deles.*” (BOUDON, 2002: 23).

E porque a análise comparativa nos pode dizer mais alguma coisa sobre este conceito achámos importante analisar como é que sociólogos de três países diferentes interpretam a pós-modernidade e que significado lhe dão.

### Três interpretações de um conceito

Quando, hoje em dia, se fala em pós-modernidade, Ronald Inglehart é, sem dúvida, um marco teórico, em Inglaterra, como o é, em Portugal, Boaventura de Sousa Santos e, em Espanha, Fernando Gil Villa. Países europeus, bem próximos e ao mesmo tempo tão diferentes em termos de crescimento económico, de nível educativo, de tipo de Estado Previdência, para não falar em tantos outros factores, o que poderia levar a explicações bem diferentes e até antagónicas do mesmo conceito. Mas será que isso se verifica? É o que vamos analisar de seguida.

### 2.1.O CONCEITO

Para Inglehart a pós-modernidade é um processo global de mudança, referindo que esta denominação é mesmo usada “*para descrever esta profunda mudança na visão do mundo*” (Inglehart, 1994:80). Mudança esta que é considerada de uma maneira bastante

optimista e positiva já que está ligada ao que ele considera qualidade de vida, ou seja, a níveis de bem estar subjectivo. O mesmo não se pode dizer dos outros dois autores que têm uma ideia um pouco mais negativa sendo, inclusivamente, para Gil Villa identificada com o *niilismo*. Este *niilismo* está fora das posturas pessimistas sendo um estado que se deve aceitar e com o qual se deve viver, não sendo, para o autor, o mesmo que caos. Considera-o um “*fenómeno complexo*” (Gil Villa, 1999: 20) e distingue mesmo dois estados no *niilismo*. O primeiro que considera patológico e no qual o *niilismo* é reactivo, ou seja, há uma reacção ao período em que se vive em função de valores superiores, desvalorizando-os. O segundo é um estado normal em que o *niilismo* é activo deixando o ressentimento do anterior e aceitando “*as limitações da natureza humana*” (Ibid.: 22). Aceita-se a vida como ela é, sem grandes ilusões. É, pois, este período que estamos a viver na pós-modernidade.

Sousa Santos embora, também, considere que “*o tal futuro prometido pela modernidade não tem futuro*” (Sousa Santos, 1994: 277) e refira que há quem assuma, hoje em dia, “*a morte do futuro para finalmente celebrar o presente*” (Ibid.: 278), considera que em Portugal, um país semi periférico, vive-se numa posição intermédia. É, assim, que, para ele, a pós-modernidade é referida como uma utopia já que só através desta se pode reinventar um futuro e procurar possibilidades novas. Esta utopia pode ser inquietante ou de oposição ou reconfortante e de celebração. O que quer dizer no 1º caso que “*a crise da regulação social corre a par com a emancipação social*” (Ibid.: 35) e no 2º caso que “*as sociedades não têm que cumprir nada que esteja para além delas e as práticas sociais (...) não podem ser avaliadas pelo que são*” (Ibidem).

E se as visões, de uma maneira geral, mudam, há algo em que estão todos de acordo. É que a pós-modernidade é uma época, época essa de transição, que se segue à modernidade, com características próprias e que implica uma mudança cultural em que os valores são uma parte importante. E tanto Inglehart como Sousa Santos referem que as mudanças económicas, políticas e culturais se produzem ao mesmo tempo, ou seja, que os fenómenos mais importantes são ao mesmo tempo políticos, económicos e culturais.

## 2.2. AS CARACTERÍSTICAS

Os três autores, embora de maneiras diferentes, referem como características principais desta época, o individualismo, a dessacralização da ciência, a descrença nas instituições políticas, a defesa da qualidade de vida, a secularização e a tolerância. São estas pois as características que iremos analisar de seguida.

### 2.2.1 INDIVIDUALISMO

Inglehart considera que a pós-modernidade nos encaminha para uma “*sociedade mais humana e com mais espaço para a autonomia individual*” (Inglehart, 1994:76). A autoridade separa-se da Igreja e do Estado e vem para o indivíduo e para tudo o que lhe diz respeito, a amizade e o ócio.

Também Gil Villa refere a crise do “*homo sociologicus*”, dizendo mesmo que, neste tempo em que vivemos, o homem se define mais pelos seus interesses próprios do que pelos papéis sociais. Há uma necessidade por parte do indivíduo de desenvolver a sua personalidade para se poder aceitar a si próprio. No entanto, “*o romper com uma certa ética de sacrifício*” (Gil Villa, 2002:20) e o consequente egoísmo que daí deriva não é, porém, para este autor, “*incompatível com certas atitudes solidárias*” (Ibidem) até porque “*o protagonista desta cultura individualista não é de maneira nenhuma um narcisista*” (Ibid.: 137). Há, cada vez mais, uma cultura individualista em que o indivíduo é visto como um ser solitário com

dificuldades de comunicar com os outros e mesmo de compartilhar tanto mais quanto mais se aproxima dos outros, mais sente que embora o faça de uma forma cautelosa e reflexiva ela é insegura já que se tem a consciência da fragilidade dessa mesma comunicação. Daí o dilatar do tempo que se dedica a si próprio num processo de auto-realização e em que o mais importante é não mentir a si mesmo e procurar a sua coerência pessoal.

Finalmente, Sousa Santos refere uma utopia democrática em que a pós-modernidade traria o que ele considera “*uma repolitização da realidade e o exercício radical da cidadania individual e colectiva*”(Sousa Santos, 1994:42). Também menciona a compulsão ao consumo actual como o que considera um crescente à vontade do indivíduo com as coisas que tende a esconder a perca de à vontade com as pessoas.

### 2.2.2. DESSACRALIZAÇÃO DA CIÊNCIA

Quanto à Ciência, a pós-modernidade resultou, para os três autores, num processo de dessacralização da mesma ciência. Considera-se que a mesma já não é um contributo essencial do progresso nem é a solução para resolver os problemas da humanidade. Inglehart diz mesmo que “*há uma confiança decrescente em que a ciência e a tecnologia possam ajudar a resolver os problemas da humanidade*” (Inglehart, 1994:80).

Indo um pouco mais longe Gil Villa diz que se existe um processo de dessacralização da ciência é porque esta “*tinha tomado o papel da religião na modernidade*”(Gil Villa:2002:2) e que este é um “*processo complexo*”(Ibidem), em que a ciência importa o ascetismo da religião, procurando situar “*a verdade num plano elevado ao qual só tem acesso os iniciados*”(Gil Villa, 1999:) A “*realidade admite pontos de vista diferentes segundo os olhos dos actores que os vêem*”(Gil Villa, Ibid.:150) ou seja que não há “*uma realidade verdadeira e uma falsa*”(Ibidem). A nível social, a defesa do meio ambiente e consequentemente a Ecologia, é, tal como para Inglehart, mais importante, para o indivíduo, que o crescimento económico e o progresso. Há um acentuar da noção de que o mundo é complexo e que as variáveis são tantas que impedem a precisão. Há hoje a consciência de que a ciência não explica tudo e “*a experiência ensinou-nos que o que hoje parece verdadeiro amanhã nos parece um erro*” (Nietzche citado por Gil Villa, 1999:147).

Também Sousa Santos fala da utopia ecológica da pós-modernidade que pressupõe uma nova relação com a natureza com uma “*transformação global dos modos de produção e dos conhecimentos científicos*”(Sousa Santos, 1994: 42), já que a ciência deixa de ser “*(...) a solução privilegiada para a progressiva e global racionalização da vida social e individual*”(Ibid.: 34), tornando-se, por vezes, um problema que produz, por sua vez, algumas irracionalidades. É assim que, para este autor, há necessidade de fazer com que o conhecimento científico se transforme num novo senso comum e se criem contra-saberes. Há também que se dar mais importância ao que é humano privilegiando o próximo em detrimento do real e fazendo com que seja cada vez menor a distância que separa os actos das suas consequências.

### 2.2.3. DESCRENÇA NAS INSTITUIÇÕES POLÍTICAS

No que se refere às Instituições Políticas, há um consenso entre os autores sobre a descrença, a todos os níveis, nas instituições democráticas que se reflecte nos baixos níveis de apoio aos políticos e à autoridade em geral quer tenha sido, ou não, legitimada por fórmulas sociais ou estatais. Considera-se, no entanto, que há que ter em conta um série de factores objectivos. Inglehart refere que os jovens mais instruídos, se por um lado são mais politizados, por outro, têm níveis muito baixos de militância política ou mesmo de lealdade a um partido político. Há, assim, um cada vez maior descontentamento com os aspectos

desumanizados da modernidade burocrática e impessoal e uma rejeição aos grandes governos hierárquicos e centralizados fazendo com que os *“líderes políticos em todo o mundo industrializado experimentem alguns dos mais baixos níveis de apoio”* (Inglehart, 1994: 79).

Já, para Gil Villa, o aumento de nível educativo contribui para que haja uma maior democratização e a autoridade passe para o indivíduo e tudo o que a ele diz respeito. Refere, ainda, que a tendência à privatização da vida *“alimenta o desinteresse pela política e tudo o que seja público”* (Gil Villa: 2002: 76). E, não só, o indivíduo torna-se menos maleável e tem uma personalidade mais forte e crítica.

Sousa Santos refere que uma das promessas da pós-modernidade seria exactamente a democratização do conceito de política que implica consequentemente *“a democratização da vida pessoal e colectiva”* (Sousa Santos, 1994: 88) e o *“alargamento dos campos de emancipação”* (Ibidem), bem como um quebrar das demarcações dos campos de acção social e política. Fala, ainda, da cada vez maior distância entre os que governam e os que são governados e a falta da prática política coerente faz com que haja *“(…) um distanciamento lúdico perante os efeitos da governação e confere a esta um tom geral fársico”* (Ibid.: 62)

#### 2.2.4. DEFESA DA QUALIDADE DE VIDA

No que toca à qualidade de vida, na pós-modernidade, a nível individual, o que conta é a auto-expressão e valorização pessoal e, como refere Inglehart, *“os direitos e as crenças individuais têm prioridade sobre qualquer outra obrigação”* (Inglehart, 1994: 80). Considera, ainda, que *“o crescente domínio da racionalidade instrumental que caracteriza a modernização dá lugar a um maior ênfase na racionalidade dos valores e uma preocupação pela qualidade de vida”* (Inglehart, 2001:27)

Para Gil Villa (2002), a pós modernidade traz um homem mais hedonista e mais preocupado com o seu próprio enriquecimento pessoal. Dedicar cada vez mais tempo a si próprio, faz cursos, terapias alternativas, procura cultivar-se, construir a sua personalidade, o que para ele é sinónimo de qualidade de vida.

Sousa Santos refere que o desenvolvimento intermédio de Portugal faz com que haja um certo curto-circuito entre a luta pelas reivindicações materiais e as pós-materiais, considerando que uma das promessas da pós-modernidade é *“a qualidade das formas de vida (da ecologia à paz, da solidariedade à igualdade sexual”* (Sousa Santos, 1994: 88).

#### 2.2.5. SECULARIZAÇÃO

Há ainda uma secularização, ou seja, uma menor crença nas religiões tradicionais embora esta coexista com uma crescente preocupação na procura de um significado para a vida.

Inglehart (2001) considera que há uma secularização na pós-modernidade já que tanto a mudança para o pós-materialismo, como a descrença nas formas tradicionais de religião têm uma causa comum ou seja os níveis de segurança pessoal alcançados na pós-modernidade. Para este autor *“o afastamento pós-moderno tanto da autoridade religiosa como do estado confirma essa mudança (...) para a individualização”* (Inglehart, 2001: 27), referindo mesmo que *“(…) as metanarrativas (...) religiosas perdem a autoridade entre as massas”* (Ibidem).

Para Gil Villa a menor crença nas religião não implica necessariamente uma menor crença em Deus mas sim que os novos valores *“afectaram a estrutura de várias esferas simbólicas nas quais inclui não só a religiosa como a científica, a cultural e a política”* Gil Villa, 1999: 58). No caso da religião foi essencialmente o seu exclusivismo que, com a sua imagem de intolerância, choca com o relativismo, já que como o mesmo diz *“O relativismo implica em princípio duvidar de qualquer pretensão de autoridade absoluta”* (Ibid.: 59).

Há uma profunda desilusão em relação a tudo o que é crença colectiva já que há uma rejeição da hipocrisia da mentira e um grande sentido crítico. Num mundo onde a *“reflexividade impera não se aceita por aceitar”* até porque a igreja deixou de ser, há muito, um factor de identidade da comunidade e de aparelho ideológico do Estado.

Também Sousa Santos refere que *“o fim dos monopólios de interpretação (da família, da Igreja ou do Estado), levado a cabo com êxito pelo paradigma da modernidade, não parece seguir-se a autonomia de interpretações, mas sim a renúncia à interpretação”* (Sousa Santos, 1994: 81).

### 2.2.6. TOLERÂNCIA

Os valores pós-modernos trazidos pelo bem estar económico são, para Inglehart, por exemplo, tolerância, confiança e imaginação. Serão, pois, estes os valores a ensinar a um filho e não mais o trabalho como em épocas anteriores (Inglehart, 2001). Se as sociedades atingirem altos níveis de desenvolvimento e se os indivíduos estão bem alimentados e com expectativas de vida elevadas, a segurança e o bem estar vão trazer, necessariamente, uma maior tolerância em relação aos outros já que não constituem mais uma ameaça. Há, assim, uma maior tolerância em relação à diversidade étnica, cultural e social e uma aceitação do que cada um eleger para si, ou seja, o seu tipo de vida.

Para Gil Villa, o aumento do individualismo que ele considera trazido pela pós-modernidade traz consigo um maior aumento da tolerância. Como o autor refere *“só aceitando as nossas próprias limitações seremos capazes de tolerar a dos outros”* Gil Villa, 2002: 21). No entanto este homem tolerante não quer dizer que seja mais altruísta pois pelo contrário pode ser extremamente egoísta *“pondo a sua liberdade individual acima de tudo”* (Gil Villa, 1999:112). O seu benefício individual imediato está sempre à frente do benefício colectivo a médio prazo. No entanto refere, ainda, que o egoísmo pode *“ser dirigido para a auto tolerância, a qual é a antesala da tolerância autêntica”* (Gil Villa, 2002:21).

Sousa Santos refere, também, que *“o reconhecimento de que as promessas da modernidade não foram cumpridas pode criar condições para uma nova tolerância, um maior contacto com o que é diferente em termos culturais e sociais”* (Sousa Santos, 1994: 274), bem como o aparecimento da solidariedade pelo outro.

São, pois, estas algumas das interpretações, destes três sociólogos, sobre este conceito com muitas dimensões em comum e que diferem em pormenores. Para Inglehart, as sociedades como a britânica, adoptam valores pós-modernos devido a altos níveis de desenvolvimento económico, expectativas de vida elevada, e altos níveis de segurança e de bem estar subjectivo o que faz com que se considerem de boa saúde e felizes e adoptem o que ele chama valores pós-materialistas. Estes são parte da mudança geral a que chamamos pós-modernidade sendo estes talvez os aspectos mais documentados já que têm sido medidos através de inquéritos transversais desde os anos 70. Os valores pós-materialistas para este autor têm a ver essencialmente com a satisfação de necessidades sociais e de actualização. Surgem, por um lado, as necessidades estéticas e intelectuais, ou seja, a importância das ideias e da liberdade de expressão bem como de cidades bonitas e da natureza cuidada e, por outro lado, a satisfação do sentido de pertença e de estima com o surgir da necessidade de uma sociedade menos impessoal em que a própria opinião tenha um maior peso na comunidade e no trabalho bem como alguma influência sobre o governo.

Gil Villa põe um maior acento na instabilidade do mundo actual como causa do aparecimento deste tipo de valores. Esta instabilidade, ou seja, este *“mundo sem princípio nem fim”* (Gil Villa, 2002: 15), como ele o considera, leva a um maior aumento da reflexividade e da complexidade, resultantes, para ele, não só do crescimento económico mas, muito mais, do aumento dos níveis de conhecimento que esse crescimento trouxe aos países desenvolvidos. Traz consigo um homem diferente, mais artista e menos produtivo, mais espontâneo e

mais criativo, condições necessárias para o que se considera a auto-realização e o desenvolvimento pessoal. Surge, assim, um indivíduo com uma nova personalidade não procurando nem a esta nem a estabilidade nem a continuidade já que tem consciência de que o mundo é cada vez mais flexível e há que aproveitar o que de bom há na vida, porém, com a noção exacta de que ela encerra sempre alguma incerteza. É, pois, um homem com uma personalidade maleável e muitas vezes imprevisível já que “*a sociedade não é una, nem verdadeira, nem racional*” (Gil Villa, 1999:85).

Com este autor concorda Sousa Santos ao referir também a instabilidade e a imprevisibilidade do mundo em que vivemos referindo mesmo que o futuro “*Nunca esteve tanto nas nossas mãos, mas as nossas mãos nunca foram tão ignorantes sobre se afagam uma pomba ou uma bomba*” (Sousa Santos, 1994: 42). Refere, ainda, que, em Portugal, devido às suas características, de país semiperiférico, se vive numa transição entre o moderno e o pós-moderno em que há momentos de ruptura e outros de continuidade. A Sociedade portuguesa necessita, assim, de cumprir algumas das promessas da modernidade ao mesmo tempo que as da pós-modernidade e no sentido do que refere Inglehart enquanto não se resolverem alguns desses problemas da modernidade não faz sentido pôr os segundos, ou seja os da pós-modernidade, porque eles simplesmente não existem.

### 3. A PÓS-MODERNIDADE E O ENSINO SUPERIOR NO SÉCULO XXI

É pois nesta pós-modernidade que vivemos e na qual vivem os nossos jovens. Como referem estudos, sobre os valores, realizados, desde há alguns anos, em mais de 40 países do mundo<sup>2</sup>, são os mais jovens e os mais instruídos os mais afectados por esta mudança cultural e daí que seja importante analisar o que poderá acontecer neste grupo, que alguns autores consideram mesmo um grupo social, ou seja, os alunos do ensino superior.

A instabilidade e a incerteza do mundo que vivemos, as condições de segurança económica em que foram educados, bem como o desaparecimento de muitos dos papéis atribuídos, a separação da esfera pública e privada, junto com outros factores, como seja alguma socialização no niilismo e a crise de uma forma de organização das relações interpessoais baseadas na dimensão social, faz com que, cada vez mais, os nossos jovens tenham uma certa orientação para o individualismo, o hedonismo e o relativismo moral.

Como refere Gil Villa duvidam de tudo o que parece normal, é comum ou que todos sabem e essa estranheza perante o mundo estende-se do científico ao indivíduo corrente (Gil Villa, 2002). Até porque, como reafirma Boudon “*Os intelectuais carismáticos que há uns anos atrás faziam uma concorrência séria às outras fontes de autoridade, hoje distraem e intrigam mais do influenciam já que não se aceita tão facilmente as explicações simplistas dos fenómenos sociais*” (Boudon, 2002:108/109). O conhecimento tende a massificar-se num movimento imparável que ameaça o poder dos intelectuais baseado no monopólio de saberes e técnicas. Também Bauman constata que “*A própria cultura em que os intelectuais baseavam o seu poder massificou-se*”. (Bauman, 1988:223-224).

A instabilidade do mundo obriga a adaptarmo-nos à nova situação utilizando novos comportamentos e valores. Se tudo muda tão rapidamente o que é racional, é não nos comprometermos, é descobrir novos valores já que as decisões são tomadas, a maior parte das vezes pela pressão do meio. A teoria da escolha racional de Weber já não cabe neste mundo já que não há lugar a cálculos mas sim a reacções. Como refere Dubet “*... o desencantamento do mundo (...) gera uma «obrigação de ser livre» que não pode ser senão o reconhecimento da pluralidade dos valores*” (Dubet, 1996:109). Também o reconhece Jorge Vala quando, em estudo efectuado em Portugal sobre valores, refere um maior ênfase no indivíduo, consideran-

<sup>2</sup> Ver INGLEHART (1991) *El cambio cultural en las sociedades industriales avanzadas*, Madrid: CIS

do ele esta inclinação como um “*Pragmatismo adaptativo que responde melhor às exigências de interação quotidiana, à velocidade das transformações sociais, às contradições (...)às exigências da tolerância e ao reconhecimento das diferenças*” (Vala, 1994:168).

São estes jovens, indivíduos de uma sociedade pós-moderna, que estão neste momento no Ensino Superior. E podemos referir que estas duas realidades têm pouco a ver uma com a outra.

Por um lado, temos uma escola que deve educar para a vida mas que actua, como refere Jimenez, como uma “...*instância legitimada de inculcação de normas de actuação, de valores dominantes que se consideram os legítimos e que se aceitam como verdades absolutas sem questionamentos possíveis.*” (Jimenez, sem data: 3).

Por outro, temos uma sociedade pós-moderna em que, como já referimos, se fala mais de trabalho do que se trabalha, em que há, como refere Lipowetski,<sup>3</sup> um imperativo do efémero e do vazio e uma cada vez maior flexibilidade e individualização do trabalho, como constata Carnoy<sup>4</sup>. Uma sociedade em que a imagem tem um papel cada vez maior, com a consequente exacerbação do consumo, da informação e do sensacionalismo, uma sociedade globalizada e em intercomunicação, com o aumento do conhecimento e do espírito crítico.

É ao lado desta sociedade pós-moderna, em que há uma necessidade cada vez maior de autonomia, de relatividade, de individualismo, de flexibilidade, que temos, como diz Sousa Santos, uma instituição, a universidade, com uma rigidez funcional e organizacional, uma impermeabilidade às pressões externas, uma aversão à mudança, tendo mesmo criado a seu respeito o “*mito da irreformabilidade*” (Sousa Santos, 194:196).

A acelerada transformação que se deu em todos os campos e, principalmente, no campo produtivo, faz com que se exija cada vez mais uma educação permanente, reciclagens, reconversões já que há mutações constantes dos perfis profissionais. Mais do que transmitir conhecimentos específicos há que dar a estes jovens, fazendo minhas as palavras de Sousa Santos, uma visão global do mundo e das suas transformações e mais do que isso o desenvolvimento do seu espírito crítico, da sua criatividade, da disponibilidade para a inovação, da sua ambição pessoal e, principalmente, de uma atitude positiva perante a vida, o trabalho árduo e em equipa e uma grande capacidade de negociação.

O conhecimento inter e multidisciplinar é, assim, fundamental para a formação de indivíduos que estejam prontos a funcionar num mundo globalizado. E se os indivíduos de hoje são flexíveis, críticos, autónomos e participativos, as teorias e as acções educacionais terão de os acompanhar e utilizar elas também o princípio da reflexividade.

Hoje, já, não interessa tanto qual é o conhecimento verdadeiro, já que esse conhecimento é tanto que não o conseguimos abarcar, na sua totalidade, mas sim qual é o mais eficiente, pois o conhecimento só é legitimado pela eficiência. E essa eficiência passará, inevitavelmente, pela adopção de novas atitudes e novas pedagogias.

Mais do que transmitir conhecimentos que, como referimos, amanhã já estarão desactualizados, há que ensinar a procurar esse conhecimento, ensinar a perceber, captando a essência dos conceitos e relacionando causas e consequências, ensinar a criticar e a aplicar o sentido crítico, não só em termos de conhecimento mas mesmo em si mesmo e à sua actuação pessoal, ensinar a comunicar a expressar as suas ideias num diálogo aberto e respeito mútuo. Só, assim, poderemos contribuir para que a escola e a sociedade pós-moderna se articulem.

## CONCLUSÃO

O mundo está em mudança. Já não estamos mais na modernidade mas sim numa pós-modernidade com características muito especiais. No entanto, as instituições, e particularmente a escola, têm-se mantido inalteráveis sem quererem dar conta dessa mudança que, por

<sup>3</sup> Cf. Gilles Lipovetsky (1990) *El imperio de lo efímero*, Barcelona: Ed. Anagrama

<sup>4</sup> Cf. Martín Carnoy (2001) *El Trabajo flexible en la era de la información*, Madrid. Alianza Editorial

enquanto, só lhes mostra o aspecto trágico dos fracassos académicos, da falta de interesse e de trabalho por parte dos alunos, da procura do mais fácil, da crítica por vezes sem sentido.

Só que as grandes mudanças que se estão produzindo na sociedade não se compadecem desse imobilismo e dessa desadequação entre instituição e público. Numa sociedade pós-moderna em que dois dos valores fundamentais são o individualismo e a reflexividade há pois que dar uma dimensão personalizada e flexível à educação. Os valores existem, não estão em crise, só não são, exactamente, os mesmos em que fomos socializados até porque o contexto também não é o mesmo. Há que tomar consciência disto, e quanto mais rapidamente o fizermos, melhor para todos.

## BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Z. (1988) "Is there a postmodern Sociology" in *Theory, Culture and Society*, vol 5
- BOUDON, R. (2002) *Déclin de la morale ?*. Paris: Puf
- CARNOY, M. (2001) *El Trabajo flexible en la era de la información*, Madrid. Alianza Editorial
- DUBET, F. (1996) *Sociologia da Experiência*. Lisboa: Instituto Piaget
- GIL VILLA, F. (2002) *Individualismo Y cultura moral*. Madrid: CIS
- GIL VILLA, F. (1999) *El mundo como desilusión*. Madrid: Ediciones Libertarias
- INGLEHART, F. (1991) *El cambio cultural en las sociedades industriales avanzadas*. Madrid: CIS
- INGLEHART, R. (1994) "Modernización y post-modernización: la cambiante relación entre el desarrollo económico, cambio cultural y político" in *Tendencias mundiales de cambio en los valores sociales y políticos*. Madrid: Fundesco
- INGLEHART, R. (2001) *Modernización y Posmodernización*. Madrid: CIS
- JIMENEZ, M. (s/ data) *Education y Postmodernidad, acaso dos eufemismos*. Oviedo: Universidad de Oviedo
- LIPOVETSKY, G. (1990) *El imperio de lo efímero*. Barcelona: Ed. Anagrama
- LIPOVETSKY, G. (1992) *Le crépuscule du devoir*. Paris : Éditions Gallimard
- LYOTARD, J. F. (2000) *la condición postmoderna*. Madrid: Ed. Catedra
- SOUSA SANTOS, B. (1994) *Pela mão de Alice: O Social e o Político na Pós-modernidade*. Porto: Ed. Afrontamento.
- VALA, J. (1994) "La emergencia de los valores post-materialistas en Portugal" in *Tendencias mundiales de cambio en los valores sociales y políticos*. Madrid: Fundesco

**Contacto:** [anapaula@esg.ipcb.pt](mailto:anapaula@esg.ipcb.pt)